
Lourdes Castro
Manuel Zimbro



Fidelidade Mundial  **chiado8** ARTE CONTEMPORÂNEA

Chiado 8 – Arte Contemporânea, inaugurado em janeiro de 2002, é um projeto da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial que, aproveitando a localização privilegiada de um dos seus edifícios centrais, decidiu participar nas iniciativas de reabilitação do Chiado através da criação de um espaço de divulgação da arte contemporânea.

À Distância Linha de Horizonte



A sombra é a mais primordial das imagens. Antes de as imagens se separarem das coisas para serem coisas em si mesmas, as sombras eram todas as imagens. E eram-no de forma peculiar: ao contrário da maioria das imagens com que nos confrontamos nos dias de hoje, as sombras nunca reproduziram apenas uma configuração: elas sempre atestaram uma presença e um estado. Para que haja uma sombra, sabemos-lo, tem de haver um corpo – uma matéria com uma dada forma, com uma dada densidade, disposta no espaço, exposta à luz. A sombra é um correlato desse corpo e, simultaneamente, uma prova da sua existência física. É por isso que se pode dizer, em termos vagamente semióticos, que a sombra é simultaneamente um ícone – algo que manifesta uma semelhança direta com o objeto que refere – e um índice – um sinal que depende intimamente da presença ou da ação desse mesmo objeto. Por outras palavras, a sombra não é meramente uma imagem da coisa, ela é uma sua emanação; pertence-lhe e prolonga-a, coexiste e transforma-se com ela, no espaço e no tempo.

Uma parte substancial da prática artística de Lourdes Castro tem sido fruto do seu profundo envolvimento com a sombra enquanto fenómeno e, sobretudo, enquanto território fértil para a produção de sentido. Assinalar este facto implica, contudo, reconhecer um outro, porventura menos evidente: é que ao escolher envolver-se com o universo das sombras, como fez do início dos anos 1960 em diante, Lourdes optou também por abordar os objetos na base da sua dimensão mais intangível, da sua presença mais espectral. Como se o que lhe interessasse não fosse propriamente a sua condição material ou as suas valências concreta e definida, mas antes o rasto que eles imprimem no mundo e em cujo carácter transitório se pode ler o apreço da artista pela

fugacidade de tudo o que existe, bem como por processos de síntese, de contenção e, sobretudo, de desaparego.

A noção de desaparego foi, aliás, uma das premissas iniciais do trabalho de Lourdes Castro, mais concretamente no âmbito do trabalho que produziu em Paris a partir do final da década de 1950. Corriam os anos do “Novo Humanismo”¹ de Pierre Restany e desse gigantesco esforço de reposicionamento do lugar do Homem na ressaca do holocausto, e no quadro de uma sociedade progressivamente mais industrializada, eminentemente urbana e cosmopolita. As diretivas do Nouveau Réalisme, nascidas da pena de Restany, eram tão claras na sua cisão programática com o lirismo da Arte Informal quanto equívocas no contraste ideológico com a euforia iconográfica da Pop Art. Bem para lá da superfície e do apreço comum pelos objetos do quotidiano, o que na Pop anglo-saxónica era celebração e ironia, era no Nouveau Réalisme continental gesto crítico e denúncia das estruturas capitalistas. O capitalismo, é certo, lida mal com a ambiguidade. Nada melhor, então, do que oferecer à turba cosmopolita a imagem cristalizada da sua voragem na forma de assemblagens de toda a sorte de objetos descartados. No caso de Lourdes Castro, essas assemblagens ora eram compostas por objetos da mesma família cromática, ora por objetos heteróclitos banhados por tintas metalizadas que os nivelavam e lhes mitigavam os contrastes formais, ao mesmo tempo que sublinhavam a erosão da identidade individual inerente à construção de toda e qualquer comunidade.

Um dado apagamento dominava já estas obras iniciais. De facto, a singularidade de Lourdes no quadro estético do Nouveau Réalisme parecia encontrar-se precisamente no modo cuidadoso como evitou sempre que a sua obra resvalasse no fosso de espetacularidade que vem acoplado ao exercício do

excesso. Mais do que isso, no seu trabalho transparecia já a tensão entre o materialismo tradicionalmente associado à produção artística e o seu progressivo interesse pelo vasto universo das coisas quotidianas que escapam à materialidade. Não seria com surpresa, então, que o círculo mais íntimo da artista via a sua obra do início dos anos 1960 preterir a densidade dos corpos e dos objetos que habitavam o seu quotidiano a favor da presença etérea das suas respetivas sombras.

Num parcimonioso movimento de experimentação e de libertação face aos meios artísticos convencionais, as sombras projetadas que Lourdes registou durante as duas décadas seguintes começaram por ser fixadas em serigrafias, papéis e telas, para depois se verem pintadas e recortadas em plexiglas, desenhadas em paredes ou bordadas em lençóis. Como que numa extrapolação desta postura experimental, o passo que levou Lourdes a ir substituindo a opacidade rugosa da tela pela presença diáfana do plexiglas foi o mesmo que, de meados da década de 1960 em diante, a fez libertar-se lentamente do reino estrito da representação para incorporar na sua obra o campo da apresentação. O dispositivo que permitiria esta transformação interna foi o teatro de sombras, que Lourdes experimentou logo em 1966, e cujas potencialidades não só viriam a intensificar o seu envolvimento com o universo das sombras, como viriam também a revolucionar os métodos e os objetivos que guiaram toda a sua prática artística futura.

Entre 1973 e 1985, Lourdes Castro concebeu e apresentou, em colaboração estreita com Manuel Zimbro, três espetáculos do teatro de sombras, a saber: um programa composto pelas peças *Pic-nic à sombra*, *Contorno* e *Noite e dia* (1973), e outros dois intitulado *As Cinco Estações* (1975) e *Linha de Horizonte* (1981). Como teve oportunidade de afirmar por diversas vezes, Lourdes en-

carou estas peças não propriamente como teatros, mas antes como as mesmas “proposições quotidianas” que sempre a fascinaram e que, neste novo contexto, ganharam vida, movendo-se “como sombras no espaço”². Sobre um retângulo de pano preparado, com cerca de seis metros quadrados de área, o público testemunhava o encantatório desfilarm da sombra de Lourdes Castro levando a cabo, lenta e graciosamente, sequências de ações quotidianas. Aquelas eram situações e tarefas do dia-a-dia, toda uma porção de vida que não consta nas entradas biográficas e que é quase tão impercetível quanto as suas próprias sombras. Regar uma planta, servir um chá, pentear o cabelo ou dançar – o teatro de sombras é o lugar do extraordinariamente comum, a celebração dos pequenos gestos, magistralmente encenados no corpo da artista e projetados sobre um ecrã na forma da imagem espectral de si mesmos.

À *Distância – Linha de Horizonte* revisita o último dos teatros de sombras de Lourdes Castro e Manuel Zimbro. Num *diaporama* realizado por Catarina Mourão³, o visitante encontra uma reposição daquela obra por intermédio da sucessão de cerca de três centenas de imagens com as quais a fotógrafa francesa Claire Turyn a documentou em 1985, e à qual se após a sonoplastia original. Em certo sentido, não será errado pensar-se que a distância que o título da exposição menciona se refere aos quase trinta anos que medeiam a última apresentação pública desta peça e a atualidade. Trata-se, de facto, de invocar a sua memória e trazê-la ao presente. Contudo, a aceção de distância a que verdadeiramente se alude aqui talvez se meça mais no plano da extensão do que no plano da duração, reportando-se essencialmente à ideia de espaço implicada na própria perceção do horizonte. Com efeito, o horizonte é o limite da visão – cada tomada

de vista traz consigo a medida do nosso afastamento em relação a esse limite, e a sua configuração é o contorno que os nossos olhos fazem do mundo. No caso desta peça, o horizonte é resultado da sombra do céu projetada sobre a superfície do mar, o encontro absolutamente nivelado das suas imensidões gêmeas a produzir a mais fina das linhas. A linha, aliás, que Lourdes desenhou centenas de vezes num mesmo bloco, tantas quantas as vezes que fez *Linha de Horizonte*.

Esse mesmo bloco e esse mesmo desenho são o centro desta exposição, mas não são o seu verdadeiro objeto. Há muito que Lourdes abandonou qualquer ambição de introduzir novos objetos no mundo. Do mesmo modo, há muito que Lourdes se desligou do universo dos efeitos para se dedicar ao intrincado movimento das causas. O seu trabalho tem sido o da incorporação, em todas as dimensões da vida quotidiana, do nível de concentração que a experiência artística impõe. Um nível de concentração que, uma vez incorporado, se transforma em pura disponibilidade, em incondicionada atenção. Nesse espaço de encontro com o mundo abre-se um abismo, descobre-se a vertigem da íntima ligação de todos os fenómenos, o estilhaçar da linha do tempo e a insustentabilidade da sua absurda hierarquia. E um desenho frágil, displicente e não intencionado pode ser o lugar de uma convergência, de uma revelação, o exemplo claro de um percurso que aprendeu devagar o espanto das coisas, e que exercita esse ensinamento na absoluta radicalidade de saber mostrar sem quase dar a ver.

1
Pierre Restany, "Lourdes Castro: A presença da ausência", Paris, Galerie Edouard Loeb, 1966.

2
Lourdes Castro, "Teatro de sombras", in *Diálogo sobre arte contemporânea (teatro, performance, música)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

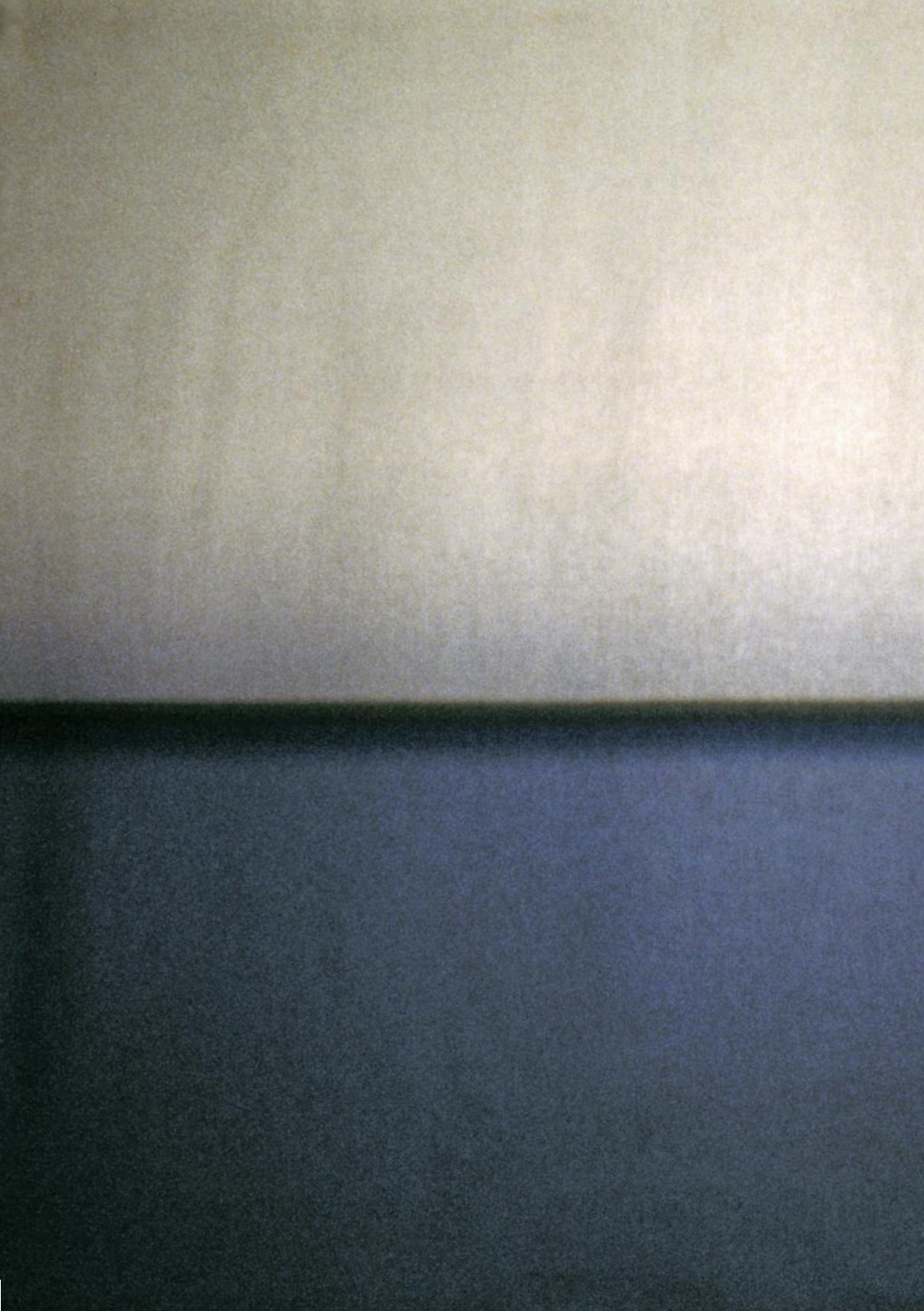
3
Uma versão deste mesmo diaporama fez parte da exposição *Lourdes Castro e Manuel Zimbro: À luz da sombra* apresentada no Museu de Serralves no ano de 2010. A relação entre Catarina Mourão e Lourdes Castro deu também origem ao filme *Pelas Sombras*, produzido por Laranja Azul e estreado em 2010.

Lista de obras

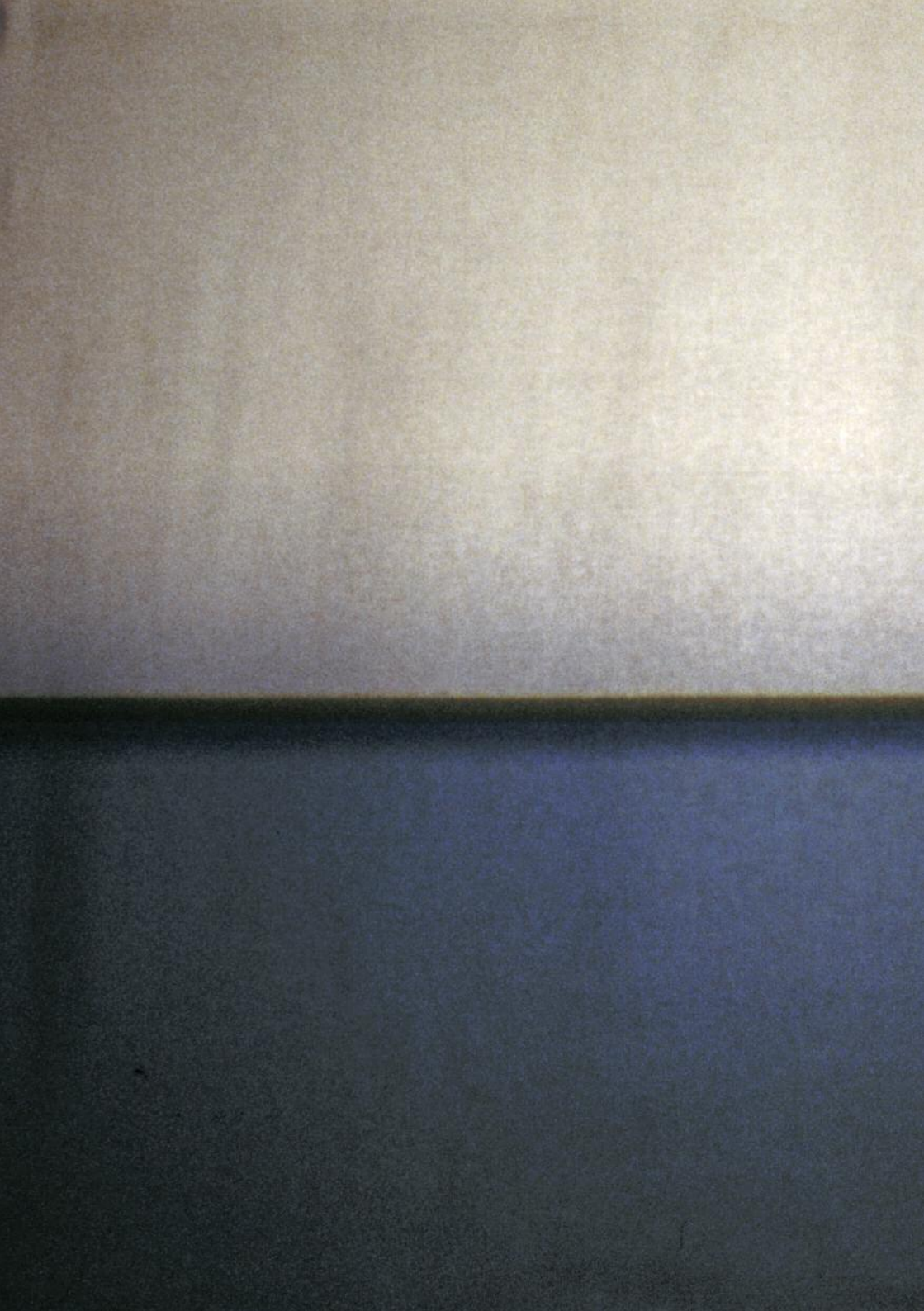
Sala 1
[capa e pp. 6-9]

Linha de Horizonte, 1981-1986
Diaporama realizado por Catarina Mourão em 2010 a partir da documentação fotográfica de Claire Turyn

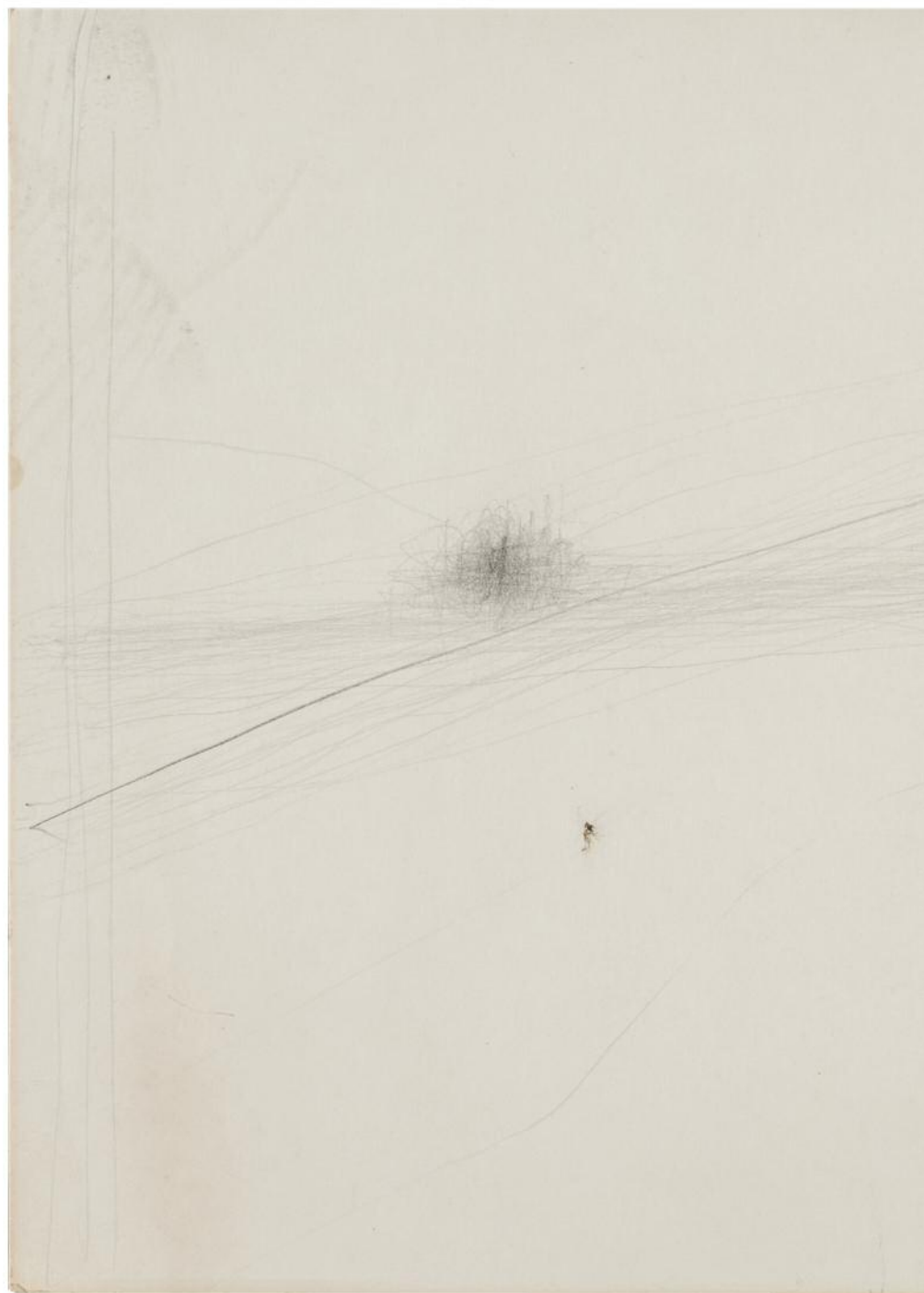
Sala 3
[p. 11 e folder]
Linha de Horizonte, 1978-1986
Grafite sobre papel em bloco
27 x 38 cm



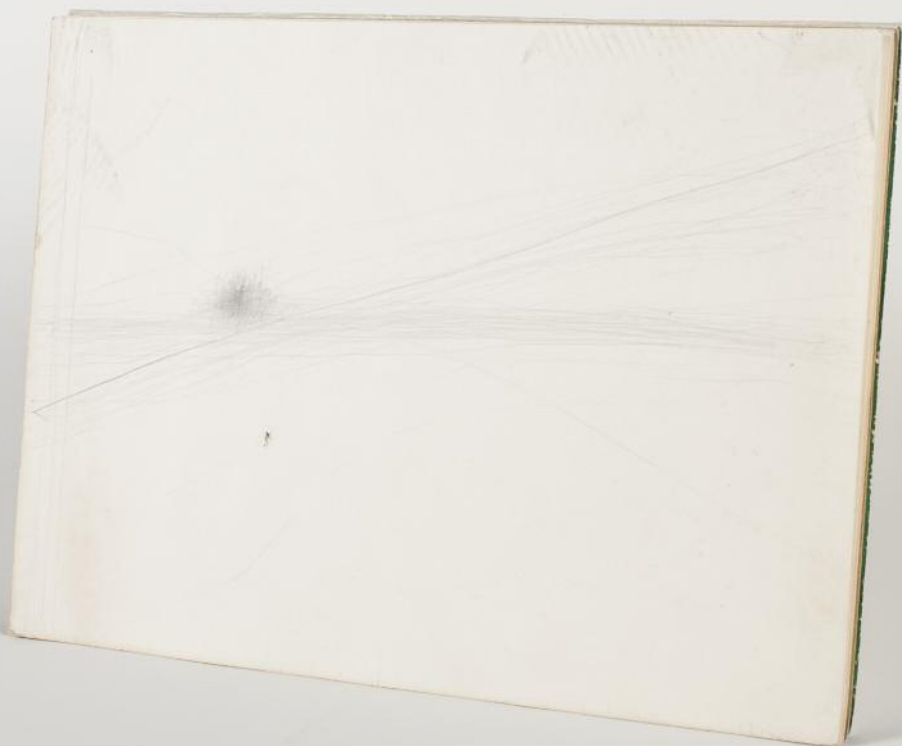












Projeto de exposições (2009-2013)

Miguel Wandschneider (Culturgest)

Coordenação

Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade Mundial)

Curador

Bruno Marchand

Coordenação de produção e de montagem

António Sequeira Lopes (Culturgest)

Montagem

Fernando Teixeira

Heitor Fonseca

Laurindo Marta

Sílvia Santos

Catálogo

Texto

Bruno Marchand

Desenho

Pedro Falcão

Proporção

[A5] – 14,8 × 21 cm

Tipo de letra

New Rail Alphabet

Fotografia

Teresa Santos / Pedro Tropa

Coordenação editorial

Rosário Sousa Machado (Culturgest)

Revisão de provas

am edições / antónio alves martins

Impressão e acabamento

Gráfica Maiadouro

Tiragem

2000 exemplares

ISBN

978-972-769-074-9

A artista e a Culturgest gostariam de agradecer a Ana Paula Gordo (directora da Biblioteca de Arte) e à Fundação Calouste Gulbenkian, a Catarina Mourão, a Claire Turyn e a Pedro Morais.

CHIADO 8 – ARTE CONTEMPORÂNEA

Largo do Chiado, n.º 8 / 1249-125 Lisboa

Tel. : 213.401.676 / www.fidelidademundial.pt

24.05

26.07.2013

Lourdes Castro nasceu no Funchal em 1930. Vive e trabalha na ilha da Madeira desde 1983. Formou-se na Escola de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), em 1956. Partiu para Munique com René Bertholo, em 1957 e em 1958 para Paris. Já aí instalada, é-lhe atribuída uma bolsa de estudo, de Pintura, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Viveu em Paris durante 25 anos. Nessa cidade, e com René Bertholo, começa, em 1958, a revista *KWY*, a que se juntaram, a partir do número 6, Christo, Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte, Jan Voss, João Vieira e José Escada, dando origem ao grupo homónimo no âmbito do qual se apresentaram em diversas exposições, nomeadamente na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa (1960); Universidade de Saarbrücken, Saarbrücken (1960); Galerie Soleil dans la Tête, Paris (1961); Galeria 2000, Bolonha (1962). Em 1972 e 1979 foi artista residente na Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD), em Berlim. Expôs individualmente pela primeira vez em 1955, no Clube Funchalense, Funchal. Expôs inúmeras vezes em cidades como: Funchal, Lisboa e Porto; Bordéus, Lombreuil e Paris; Baden-Baden, Berlim, Colónia, Essen, Frankfurt, Munique e Nuremberga; Basel; Amesterdão; Liubliana, Malmö; Praga; Milão e Londres. Por volta de 1966 realizou as suas primeiras experiências com o Teatro de Sombras, no qual contou com as colaborações de René Bertholo, no período inicial, e de Manuel Zimbro, entre 1973 e 1986. No âmbito do Teatro de Sombras conceberam três programas distintos: *Pic-nic à Sombra, Contorno e Noite e Dia* (1973 a 1974); *As Cinco Estações* (1975 a 1980); *Linha de*

Horizonte (1981 a 1986). Das apresentações que fez deste projecto, destacam-se: *Pic-nic à Sombra, Contorno e Noite e Dia*: Akademie der Künste, Berlim (1973-1974); Neue Galerie Sammlung Ludwig, Aachen (1973-1974); Anvers e Amesterdão (1973-1974); Galerie Ernst, Hanôver (1975); Théâtre d'Orsay Renaud-Barrault, Paris (1975); Musée d'art moderne de la Ville de Paris / ARC, Paris (1975); Melkweg, Amesterdão (1975); Estreia de *As Cinco Estações*: Festival d'Automne, Paris (1975); Museo de Arte Moderno Jesús de Soto, Ciudad Bolívar (1976); Museo de Bellas Artes, Caracas (1976); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1977); Escola Superior de Belas-Artes, Porto (1977); Teatro Municipal, Funchal (1977); Teatro Stabile, Trieste (1978); Teatro Bibiena, Mântua (1978); Künstlerhaus Bethanien, Berlim (1979); Cité Universitaire, Paris (1980); Staatstheater, Munique (1980); Estreia de *Linha de Horizonte*, no Château de Pourtalès, Estrasburgo (1981) e no âmbito das actividades culturais organizadas por ocasião do *Carnevalle*, Veneza (1981); Neue Alte Oper, Frankfurt (1982); Osnabrück, Alemanha (1982); Centre Georges Pompidou / Grande Salle, Paris (1982); CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1985); Bienal de São Paulo, São Paulo (1986). Mais recentemente o seu trabalho foi alvo de retrospectivas de que se destacam: *Grande Herbário de Sombras*, CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2002); *Sombras à volta de um centro*, Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Porto (2003); *À Luz da Sombra*, Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves, Porto (2010).

À Distância Linha de Horizonte